

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Ficou pouca coisa da língua portuguesa – fora os versos “Minha terra tem palmeiras/ onde canta o sabiá” – nas saudades que o arlequim francês Denis Lavant guardou de sua aventura brasileira, nos sets de “Makunaima XXI”, de Zahy Guajajara e Felipe Bragança. Ele declamou o poema num bate-pronto, ao cruzar com o Correio da Manhã ao fim da projeção de “Redoubt”, uma produção escandinava, na mostra New Directors de San Sebastián. Seu rosto mobilizou o festival espanhol ainda em “L’Étranger”, de François Ozon. As marcas de suas 64 primaveras se espalham em suas feições sorridentes, de um bom humor contagiante, mas não apagam as alusões aos personagens muito locos que construiu em parcerias com o diretor Leos Carax ao longo dos anos 1980 e 90, incluindo ainda o cult “Holy Motors”, de 2012. Não por acaso, em sua excursão pelo Rio, em junho, a Cinemateca do MAM exibiu “Sangue Ruim” (1986), marco do legado inventivo que o ator francês construiu sob a recorrente troca com Carax.

“Eu sou o cinema mudo”, define-se Lavant, ao definir um estilo construído a partir da formação de mímico e dançarino. “Carax entendeu isso, pois é um cineasta que trabalha a imagem sem a dependência da palavra, ciente da densidade que mora no silêncio. Ao mesmo tempo, encarar o tex-

O arlequim de Macunaíma



Denis Lavant, que acaba de filmar nova adaptação do clássico de Mario de Andrade, renova seu fã-club internacional com filmes como ‘Redoubt’, destaque escandinavo em Donostia

Divulgação



‘Redoubt’ recria os tempos da Guerra Fria na qual um fazendeiro (Denis Lavant) tenta fortalecer sua propriedade, isolando-se do mundo

to... em português... que Felipe e a Zahy me deram em ‘Makunaima XXI’ foi um momento de delícia. Eu tive um pouco de medo, pois

estava filmando num país que não conhecia, sem ter noção da linha de atuação do elenco brasileiro. Apesar disso, cruzar o Atlântico para

viver um personagem com bigodes que lembram o do Astérix me deu uma honra imensa, pois me permitiu ter a compreensão de uma outra

realidade. Estou ansioso para vê-lo pronto”.

Há quem diga que os festivais do primeiro semestre de 2026 vão atestar a pujança de Mario de Andrade (1893-1945) numa releitura que promete ser radical, com um colorido multicultural e com ecos de ancestralidades dos povos originários. Enquanto “Makunaima XXI” não sai, Lavant ajuda “Redoubt” a ganhar aplausos (e, possivelmente, prêmios para sua atuação), sob a batuta do jovem cineasta de origem sueca John Skoog. O filme deles se passa no auge da Guerra Fria, numa estância rural da Escandinávia, onde o agricultor Karl-Göran Persson (Lavant) começa a fortificar sua casa. Ele recolhe sucata e a lança os metais nas paredes a fim de construir uma fortaleza destinada a proteger a si mesmo e aos seus vizinhos. Seus esforços são recebidos com perplexidade por todos, exceto pelas crianças. À medida que a construção avança, também avança o conflito com as pessoas da aldeia.

“Tive que aprender sueco e praticar uma rotina agrícola para construir esse homem, vivendo isolado numa casa. A vivência solitária numa vastidão de campo era fundamental para que eu encontrasse sua essência. Não sou um ator de método, sou um artista que encontra sua voz na pesquisa, na experimentação”, diz Lavant. “Eu levo Leos Carax comigo a cada trabalho. Sempre há algo de ‘O Amantes de Pont-Neuf’ comigo, em cada novo filme”.

Corredor polonês-inglês

Habitualmente, um potencial sucesso de bilheteria de CEP europeu é que fecha San Sebastián, o que levou a direção artística de José Luis Rebordinos a convocar um thriller, “Winter of the Crow” – uma produção meio polonesa, meio inglesa, com a participação de Luxemburgo – para encerrar sua maratona, ressaltando as habilidades da cineasta Kasia Adamik na direção.

Lesley Manville, diva dos palcos britânicos, indicada ao Oscar

por “Trama Fantasma” (em 2018), é a protagonista. Sua narrativa se passa em Varsóvia, em 13 de dezembro de 1981. A lei marcial é imposta e, da noite para o dia, o país fica paralisado, justamente quando a professora de Psiquiatria, Dra. Joan Andrews, chega como professora convidada à universidade. Os táxis foram substituídos por tanques; os cidadãos são tratados como criminosos. Enquanto o caos toma conta da

cidade, Joan pega sua câmera e testemunha um assassinato brutal cometido pela polícia secreta. Em perigo mortal, presa enquanto a Polônia se fecha para o mundo, ela se torna uma fugitiva perseguida.

A exibição de gala do longa será na noite deste sábado (27) a entrega da Concha de Ouro, que tem entre seus concorrentes a polonesa Agnieszka Holland (em concurso com “Franz”, sobre a vida de Kafka), que é mãe de Kasia. (R. F.)

Divulgação



Leslie Manville em Winter of the Crow, um thriller sobre a Polônia comunista